

“FUTEBOL E MULHERES NO BRASIL: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA (1980-2022)”¹

Luiza Aguiar dos Anjos²

Marina de Mattos Dantas³

Resumo: Este artigo propõe mapear e analisar o campo em formação e desenvolvimento das pesquisas sobre mulheres e futebol no Brasil, com foco nas Teses e Dissertações defendidas e publicadas no período de 1980 a 2022. Para isso, foi realizado um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando diversas palavras-chave, somando os resultados aos de levantamentos anteriores. O corpus final de análise reuniu 77 trabalhos (58 dissertações de mestrado acadêmico, 1 de mestrado profissional e 18 teses de doutorado). Os resultados indicam que a produção sobre o tema é tardia (o primeiro trabalho é de 1997) e se intensificou em anos recentes, com um crescimento notável a partir de 2010. Há uma preponderância de trabalhos nas regiões Sudeste (50,6%) e Sul (31,2%), e a área da Educação Física é a mais atuante. A maior parte dos estudos aborda o futebol praticado por mulheres (jogadoras), mas há um crescimento recente no interesse por mulheres em outras atividades (treinadoras, torcedoras, gestoras, árbitras). Além disso, a autoria dos trabalhos é majoritariamente de mulheres (72,9%). Em comparação com o cenário até 2010, os achados demonstram uma consolidação e diversificação do campo, evidenciada pelo aumento do número de produções por ano, o crescimento do corpo de pesquisadoras/as dedicados ao tema e a ampliação das instituições e estados de origem dos trabalhos.

Palavras-chave: Futebol de mulheres; Futebol; Gênero; Produção acadêmica

“Football and women in Brazil: a weighing of academic production (1980-2022)”

Abstract: This article proposes to map and analyze the developing field of research on women and football (soccer) in Brazil, focusing on Theses and Dissertations defended and published in the period from 1980 to 2022. To this end, a survey was conducted in the Capes Theses and Dissertations Catalog using various keywords, and the results were supplemented with those from previous surveys. The final analytical corpus brought together 77 works (58 academic master's dissertations, 1 professional master's dissertation, and 18 doctoral

¹ Uma versão desse texto, compreendendo o período de 1980 a 2016 foi publicada como capítulo de livro em: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2020.

² Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
Email: luizaaguiardosanjos@gmail.com

³ Professora designada no Departamento de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais. Email: marinamattos@gmail.com

theses). The results indicate that production on the topic is late (the first work is from 1997) and has intensified in recent years, with notable growth starting in 2010. There is a preponderance of works in the Southeast (50.6%) and South (31.2%) regions, and the Physical Education area is the most active. The majority of studies address football played by women (players), but there is recent growth in interest in women in other activities (coaches, fans, managers, referees). Furthermore, the authorship of the works is predominantly female (72.9%). In comparison with the scenario up to 2010, the findings demonstrate a consolidation and diversification of the field, evidenced by the increase in the number of annual productions, the growth of the body of researchers dedicated to the theme, and the expansion of the institutions and states of origin of the works.

Keywords: Women's Football; Football; Gender; Academic production

Introdução

A década de 1980 é comumente assumida entre pesquisadores como marco do surgimento de uma produção brasileira sistematizada sobre futebol a partir da perspectiva das Ciências Humanas, produção essa efetivamente intensificada a partir dos anos 1990 (TOLEDO, 2001; ALABARCES, 2004; SILVA et al., 2009; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010).

Alabarces (2004) sinaliza que, na América Latina, até os anos 1980, a quase ausência do futebol no discurso acadêmico é inversamente proporcional à saturação do discurso jornalístico, ou seja, o futebol (praticado por homens) aparece e se consagra nos jornais e outros meios de comunicação de massa, enquanto era rejeitado como tema nos centros de pesquisa.

Não é possível, contudo, usarmos essa mesma lógica para tratar do futebol jogado por mulheres. A presença dele no meio midiático não teve a mesma proporção nos jornais do início do século XX (nem em qualquer outro período histórico). Além disso, o motivo de sua ausência na academia não parece ter sido a classificação da prática como ópio do povo, crítica comum ao futebol jogado por homens até os anos 1980 (ALABARCES, 2004), mas antes o compartilhamento, com outros campos sociais, do entendimento de que essa prática não era apropriada às mulheres. Cabe lembrar que o Brasil foi um dos países nos quais a modalidade foi proibida a elas, restrição imposta no período de 1941 a 1979 por meio do Decreto-Lei 3.199 (BRASIL, 1941).

Diante desse cenário, fato é que o futebol jogado por homens foi considerado um objeto academicamente pertinente antes que o futebol jogado

por mulheres (e por outras pessoas que não se encaixam nessa divisão binária) sensibilizasse de maneira mais constante o olhar de pesquisadoras/es.

É necessário reconhecer, todavia, que essa não é uma especificidade dos estudos do futebol. Goellner (2007) destaca como a História dos homens foi por muito tempo tratada como a História. Os Movimentos Feministas e os Estudos de Gênero foram fundamentais para reconhecer a participação e protagonismo de mulheres e para se pensar em novas questões de pesquisa, instrumentos analíticos e fontes. Na historiografia do esporte, contudo, o gênero foi incluído de forma tardia (GOELLNER, 2013). Para a autora, uma dupla marginalidade contribuiu para esse atraso: os estudos feministas não davam maior atenção às práticas corporais, e os estudos sobre esporte (inclusive aqueles de cunho historiográfico) pouco se importavam com sua estrutura generificada.

Outros trabalhos endossam esse argumento. Analisando as 18 primeiras edições do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – de 1979 a 2013 –, reconhecido fórum acadêmico da área da Educação Física, Goellner e Macedo (2015) localizam no ano de 1999 o início de uma produção mais expressiva sobre gênero. Elas destacam, ainda, que a categoria foi utilizada pela primeira vez em um trabalho apresentado em 1996. Além disso, apesar da ocorrência da mesa intitulada “Participação da Mulher Brasileira no Esporte”, em 1979, apenas em 1995 volta a ocorrer uma palestra abordando mulheres e gênero.

Em iniciativa complementar, Andres e Anjos (2017) verificaram que é no ano de 2006 que a temática dos esportes deixa de ser esporádica no Seminário Internacional Fazendo Gênero, ocorrendo simpósios temáticos próprios e um número expressivo de trabalhos apresentados. As autoras mencionam que a prática mais abordada nos trabalhos é o futebol, sendo 50% deles sobre mulheres, 30,5% sobre homens e 19,5% sobre as relações entre meninas/mulheres e meninos/homens.

Apesar da consensual percepção de uma temática ainda em processo de reconhecimento, tais publicações também identificaram a ampliação e diversificação das pesquisas sobre mulheres e esportes, incluindo aquelas sobre futebol. Tendo isso em vista, nos propomos, neste artigo, a mapear e analisar esse campo em formação e desenvolvimento voltado às pesquisas sobre mulheres e

futebol, a partir das Teses e Dissertações produzidas no Brasil e publicadas de 1980 a 2022.

Para cumprir esse objetivo, recorreremos a levantamentos e análises da produção acadêmica sobre futebol nas Ciências Humanas no Brasil. Para nos situarmos em relação ao que já havia sido levantado e analisado sobre futebol e mulheres até então, revisamos o que havia sobre o tema em publicações que, sob diferentes recortes e formas, teceram um panorama das pesquisas sobre futebol, quais sejam: Toledo (2001), Alabarces (2004), Silva et al. (2009), Giglio e Spaggiari (2010), Fensterseifer (2016), Souza et al. (2019), Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014) e Cunha (2020), os dois últimos sendo produções que, a partir de diferentes recortes, ilustram a produção de teses e dissertações dedicadas ao futebol praticado por mulheres no Brasil.

Para compor nosso corpus de análise realizamos uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com as palavras-chave: futebol feminino, futebol de mulheres, futebol e mulheres, futebol jogado por mulheres, árbitras, treinadoras, mulheres jornalistas, mulheres dirigentes. Com a intenção de nos aproximarmos, o máximo possível, da lista completa de produções já defendidas, comparamos essa listagem com os levantamentos anteriores – Silva et al. (2009), Giglio e Spaggiari (2010) e Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), Souza et al. (2019) e Cunha (2020) –, incluindo trabalhos que cumpriam nossos critérios, mas não haviam sido localizados em nossas buscas. Encontramos, ao fim, um total de 77 trabalhos sobre mulheres e futebol (58 dissertações de mestrado acadêmico, 1 de mestrado profissional e 18 teses de doutorado).

A partir desse escopo, portanto, apresentamos nossas considerações sobre a presença do tema futebol e mulheres no campo acadêmico brasileiro.

Um panorama das teses e dissertações sobre mulheres e futebol

Conforme já antecipamos, a participação de mulheres não figurou entre os temas recorrentes das primeiras pesquisas sobre futebol desenvolvidas no Brasil. Nas décadas de 1980 e 1990, Giglio e Spaggiari (2010) elencam como assuntos mais frequentes:

a inserção e a participação dos negros no futebol; as relações entre futebol e identidade nacional; discussões sobre estilos e escolas de futebol, principalmente de um ‘jogar à brasileira’, mais conhecido como ‘futebol-arte’; a circulação de jogadores brasileiros no futebol internacional; a formação de jovens jogadores em escolinhas de futebol e categorias de base; etc. Dentre os principais temas, as pesquisas sobre torcidas organizadas, muito influenciadas pela proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios no começo da década de 1990, tiveram um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esportes no Brasil (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010, p. 296).

Apesar disso, ao analisarem dossiês dedicados ao futebol a partir da década de 1990, os autores identificam textos voltados à temática desde 1994, ano da primeira publicação.

O primeiro levantamento da produção brasileira sobre futebol nas Ciências Humanas e Sociais que encontramos foi produzido pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT (SILVA et al., 2009). Nele, o termo “gênero” é utilizado para designar artigos, livros, teses e dissertações “que abordassem a categoria de análise utilizada para explicar a construção da imagem e a persistência das desigualdades entre homens e mulheres” (SILVA et al., 2009, p. 10). No material pesquisado, a categoria gênero aparece entre os artigos (12 de 133 artigos), teses e dissertações (9 de 54 teses e 204 dissertações) e não aparece entre os livros, correspondendo a 3% da produção total levantada (21 de 626 trabalhos).

Nessa pesquisa, também verificamos que o primeiro trabalho de pós-graduação brasileiro com foco nas mulheres no futebol é publicado em 1997: a dissertação Representações da mulher que joga futebol, de Lúcia da Costa Leite Reis. O trabalho compõe um conjunto total de nove teses e dissertações incluídas no levantamento na categoria gênero, sendo duas produções sobre masculinidade e sete sobre futebol praticado por mulheres (2,7% da produção total de trabalhos de pós-graduação stricto sensu). Assim, notamos até aquele momento uma preferência pelos estudos sobre mulheres dentro dos estudos de gênero. Esse cenário se diferencia daquele encontrado na Argentina, onde, desde os trabalhos iniciais sobre futebol, a discussão das masculinidades aparece como um tema de maior expressão, principalmente em torno da representação do *aguante*

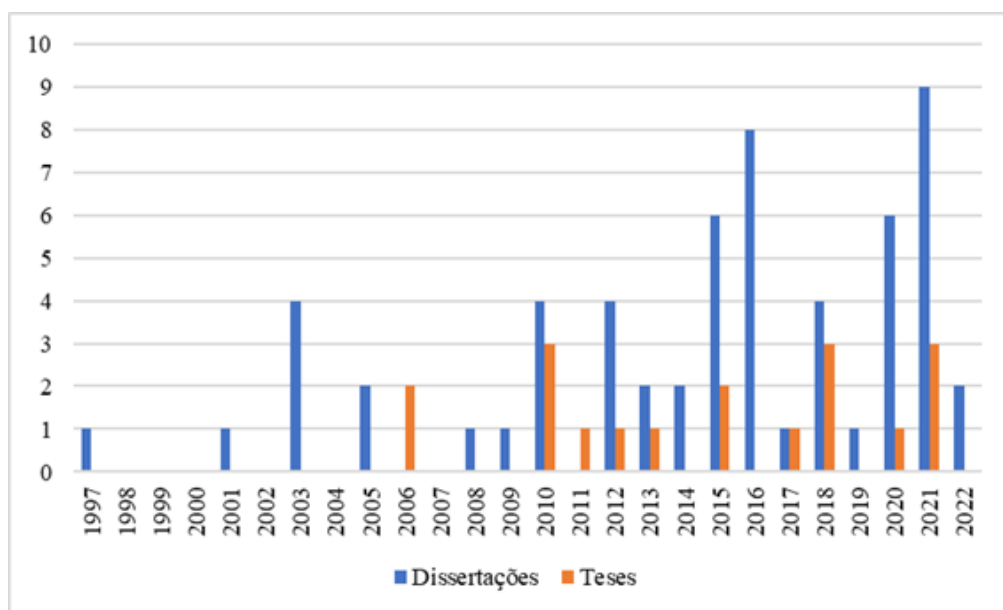
(ALABARCES, 2004). Assim, no Brasil, as discussões de gênero – sejam das masculinidades, sejam das feminilidades – têm um início tardio em relação a outros temas. Ademais, no caso nacional, são as mulheres aquelas que, em um primeiro momento, são analisadas sob o prisma de gênero de forma mais expressiva.

Outra observação sobre o conjunto de dados apresentado no levantamento de Silva et al. (2009) é a ausência de trabalhos que centralizam a presença de mulheres em outras atividades no futebol, que não a de jogadora.

Já na versão atualizada e ampliada do levantamento anterior, que considera as produções de 1980 a 2016, há 37 teses e dissertações que estudam temáticas relacionadas às mulheres no futebol, das 38 sobre gênero (SOUZA et al, 2019). O aumento quantitativo também é identificado em termos percentuais, uma vez que esses trabalhos representam 3,8% do total de 963 produções sobre futebol, como um todo.

A fim de ilustrar cronologicamente a produção sobre mulheres e futebol, apresentamos a seguir a Figura 1, que mostra o número de teses e dissertações defendidas por ano, já considerando a totalidade de 77 produções que reunimos a partir dos diferentes levantamentos que consultamos. Lembramos que nosso recorte tem início em 1980, mas o primeiro trabalho identificado foi publicado em 1997.

Figura 1 – Teses e dissertações sobre mulheres e futebol entre 1997 e 2022



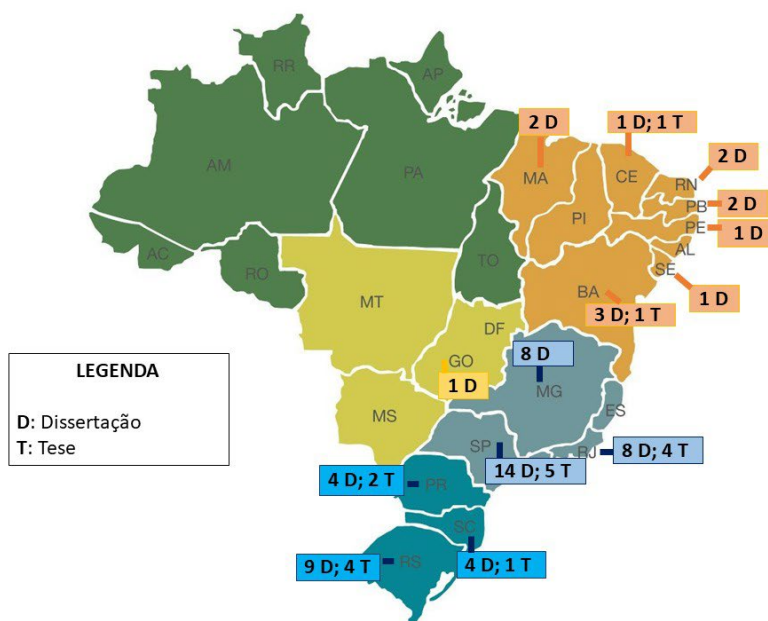
Fonte: elaborada pelas autoras.

Notamos que, desde o ano de 2008, houve pelo menos uma publicação por ano. Fensterseifer (2016), Campos et al. (2017) e Souza et al. (2019) também identificam um aumento gradual da produção sobre futebol em geral entre 1980 e 2015. As/os autoras/es dos dois últimos trabalhos chamam a atenção para o aumento de teses e dissertações sobre futebol a partir de 2010 (três anos após o anúncio da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, no Brasil). Segundo elas/es, a realização da Copa e, posteriormente, dos Jogos Olímpicos de 2016 fomentou essa produção. Ainda que a Copa em questão seja a de futebol praticado por homens, é possível que o contexto de estímulo e atenção ao futebol tenha influenciado também as produções sobre mulheres, justificando – ainda que, talvez, apenas em parte – o aumento, mesmo irregular, nas produções, observado a partir de 2010.

Focando nos locais de produção desses trabalhos, identificamos que a região Sudeste é a que mais produziu sobre mulheres no período pesquisado (39 trabalhos, correspondendo a 50,6%), seguida da região Sul (24 trabalhos, 31,2%), nordeste (13, 16,9%) e centro-oeste (1, 1,3%), não havendo produções oriundas da região norte. É interessante destacar que, no artigo de Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), cujo recorte vai até 2010, o predomínio do Sudeste era maior, sendo responsável por nove das 11 produções (81,8%), enquanto as demais eram provenientes do Nordeste (1) e do Sul (1). Tem havido, assim, uma maior contribuição de outras regiões brasileiras em anos recentes. Verificamos, ainda, que o crescimento da contribuição da região Sul se inicia já nos primeiros anos da década de 2010, enquanto o Nordeste amplia sua produção na segunda metade dessa década.

A evidência de uma preponderância do Sudeste na produção de teses e dissertações, seguida pela região Sul, vai ao encontro do que foi detectado nos dois levantamentos do GEFuT (SILVA et al., 2009; SOUZA et al., 2019), assim como no trabalho de Fensterseifer (2016) e Giglio e Spaggiari (2010), os quais indicam essas regiões como as mais frequentes na produção sobre futebol em geral em pesquisas de pós-graduação *stricto sensu*. A seguir, a Figura 2 identifica, em cada estado brasileiro, a quantidade de dissertações (D) e teses (T) produzidas sobre futebol e mulheres.

Figura 2 – Teses e dissertações sobre mulheres e futebol por estado brasileiro



Fonte: elaborada pelas autoras.

Nota-se que nas regiões com número expressivo de publicações, há contribuição oriunda da maioria de seus estados. Em relação à divisão de produções por estados, São Paulo (19, 25%), Rio Grande do Sul (13, 17%) e Rio de Janeiro (12, 16%) se destacam, seguidos de Minas Gerais (8, 10%), Paraná (6, 8%), Santa Catarina (5, 6%), Bahia (4, 5%), Ceará, Paraíba e Maranhão (2, 3%), e Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Goiás com uma produção cada. Quanto aos municípios, Rio de Janeiro - RJ (10) e Porto Alegre - RS (9) são aqueles com maior número de produções, seguidas por São Paulo - SP (6), Juiz de Fora - MG (5) e Florianópolis - SC (4).

Com relação às Instituições de Ensino Superior (IES) nas quais as teses e dissertações sobre mulheres e futebol foram realizadas, há uma pulverização em 39 universidades. Entre elas, a que possui mais publicações é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com oito produções, seguida da Universidade de São Paulo (USP), com seis, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFMG) e Universidade Gama Filho (UGF/RJ) com cinco, da Universidade Federal de Santa Catarina (SC) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/SP), com quatro, Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR) e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (SP) com três, e

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (RJ), Universidade Federal do Ceará (UFCE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), com duas cada. Outras 25 IES produziram um trabalho sobre mulheres e futebol cada. Entre essas, USP, Unicamp e UGF figuram também entre as cinco IES que mais produziram sobre futebol entre os anos de 1990 e 2009 (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010).

Outra evidência que endossa o desenvolvimento das pesquisas sobre mulheres e futebol se refere aos Grupos de Pesquisa. Em pesquisa anterior (DANTAS; ANJOS, 2020), apontamos que, em 2016, de 74 grupos voltados aos estudos do futebol a partir de uma perspectiva das Ciências Humanas e Sociais, seis tinham a participação das mulheres como um de seus temas, sendo que em dois o interesse no futebol de mulheres é central na produção do grupo no momento de realização do levantamento, sendo eles: Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO/UFRGS), coordenado por Silvana Vilodre Goellner e Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol (ProFut/UFSCar), coordenado por Osmar Moreira de Souza Junior. Até 2010, não havia nenhum grupo dedicado ao tema (SALVINI, FERREIRA, MARCHI JÚNIOR, 2014).

Quanto aos programas de pós-graduação dos quais as teses e dissertações finalizadas se originaram, a grande maioria está ligada à área da Educação Física (29), seguida de programas interdisciplinares (9), Antropologia (8), Educação (6), Comunicação (6) Ciências Sociais e Aplicadas (6), e História (6), Psicologia (4), Letras (2) e Administração (2). As duas primeiras são também as áreas mais atuantes na produção sobre futebol em geral, conforme o levantamento de Giglio e Spaggiari (2010) e Fensterseifer (2016).

Notamos, ainda, que a Educação Física também começou mais cedo a produzir trabalhos de pós-graduação nessa temática, sendo esta área a única responsável pela produção de teses e dissertações de 1997, data da primeira publicação, a 2005.

Os autores e orientadores das Teses e Dissertações sobre Mulheres e Futebol

Talvez pelo fato de a participação de mulheres no futebol ainda ser um tema acadêmico emergente, identificamos uma grande dispersão na orientação das teses e dissertações analisadas: 60 pessoas orientaram os 77 trabalhos levantados. Quem mais orientou trabalhos foi Ludmila Mourão (7, pela UGF e UFJF), seguida de Silvana Vilodre Goellner (5, UFRGS). Entre as/os demais, orientaram mais de um trabalho Carmen Silvia Rial (UFSC) e Miguel Archanjo de Freitas Junior (UEPG), com três trabalhos, e Heloísa Helena Baldy dos Reis (Unicamp), Roberto Ferreira dos Santos (UERJ) e Sebastião Josué Votre (UGF), todos com dois trabalhos orientados no período pesquisado.

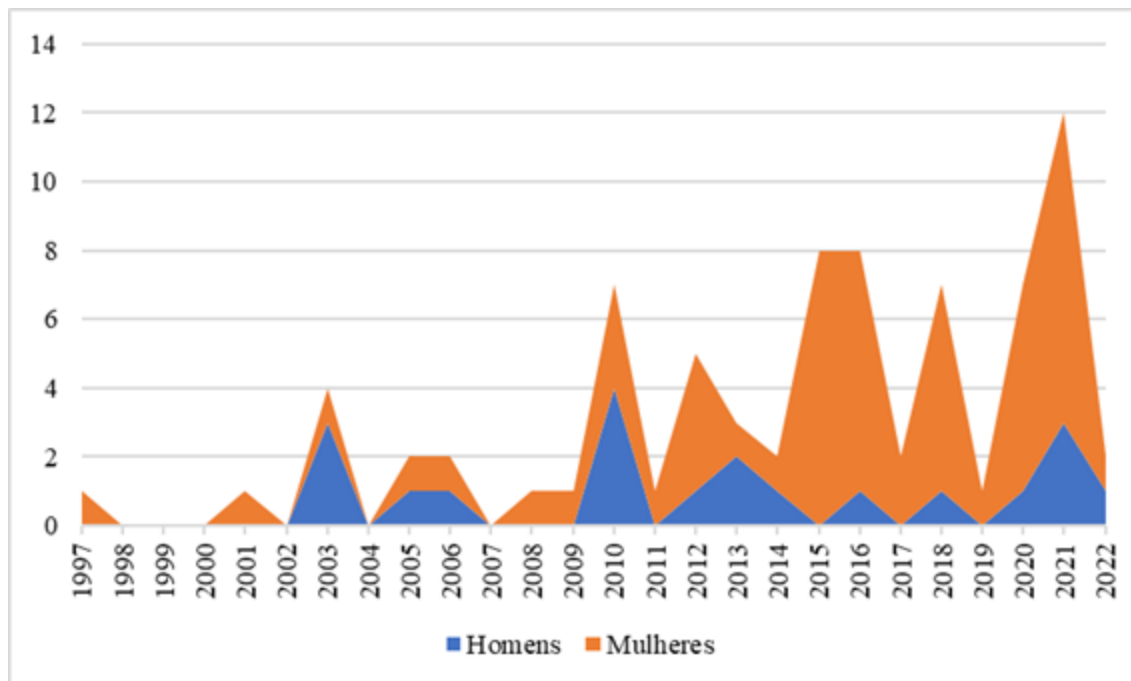
Evidenciamos que todos esses pesquisadores, em que pese terem pesquisado outros temas em suas dissertações e teses ou terem outros temas como centrais em sua produção, têm diversas produções sobre futebol e mulheres. Entre esses, cabe destacar o caso de Silvana Goellner, que fez do futebol praticado por mulheres o seu principal investimento de pesquisa e ativismo em anos recentes.

Entre os autores de nosso levantamento, sete pessoas trabalharam a temática tanto no mestrado quanto no doutorado. Todavia, notamos, ainda, que outros, apesar de não terem ingressado no doutorado ou terem se dedicado a outros temas, produziram textos publicados em livros e periódicos e/ou apresentados em eventos.

Ainda sobre o conjunto de autores, identificamos 52 mulheres (72,9%) e 18 homens (27,1%), indicando que há, também, interesse por parte de homens por pesquisas sobre as mulheres. Se muitos pesquisadores são conduzidos ao tema do futebol por suas experiências pessoais com o esporte (seja jogando, seja de outras formas), fica evidente que a vivência da prática do jogo (como mulher) não é o único modo de participação que mobiliza o interesse em pesquisar sobre as mulheres no futebol.

A Figura 3 ilustra o volume de produções, divididas pelo gênero da autoria, ao longo dos anos. Nota-se que a variação quantitativa de autores e autoras ocorre em períodos similares, mantendo uma maior produção por parte das mulheres durante todo o período, diferença ampliada nos últimos anos.

Figura 3 – Teses e dissertações sobre mulheres e futebol entre 1997 e 2022, divididas por gênero da autoria



Fonte: elaborada pelas autoras.

Quando avaliamos a autoria de pesquisas sobre futebol, de maneira geral, o cenário quanto a distribuição por gênero é notadamente diferente. No levantamento de Fensterseifer (2016), no total de 1258 teses e dissertações sobre futebol, 955 são produções são de autores do sexo masculino (75,91%) e 303 de autoras do sexo feminino (24,08%). Souza et al. (2019), que se atém às publicações sob o viés das Ciências Humanas e Sociais, encontra percentuais muito próximos: 74% das produções eram de autores homens e 26% de autoras mulheres. Através dos gráficos publicados, não foi possível saber do que se tratavam as produções das autoras. Todavia, um aumento da presença de pesquisadoras mulheres nos estudos sobre futebol em anos recentes foi notado no artigo de Silva, Tavares e Silva (2018) que analisou as teses e dissertações sobre futebol (960) produzidas por mulheres entre os anos de 1980 e 2016. Os pesquisadores identificaram 254 produções de autoras mulheres (26,5% do total de produções) junto a 706 (73,5%) trabalhos produzidos por homens.

Os autores constataram, ainda, que a produção de teses e dissertações sobre futebol por mulheres passa a ser constante a partir do ano de 1995,

chegando ao seu ápice no ano de 2016, com 39 trabalhos defendidos (SILVA; TAVARES; SILVA, 2018). Os temas de interesse encontrados são diversificados, entre os quais gênero é o terceiro com mais trabalhos (19, correspondendo a 7,5%), atrás de mídia (26, 10,2%) e espetáculo esportivo (24, 9,4%). O maior interesse de pesquisadoras do futebol por temáticas que emergem do futebol praticado por homens também foi identificado por Anjos e Dantas (2016).

A presença de mulheres pesquisadoras se evidencia desde os primeiros anos de desenvolvimento mais sistematizado das pesquisas brasileiras sobre futebol. Destacamos o nome de Simoni Lahud Guedes como uma de quatro autoras/es de *Universo do futebol*, obra organizada por Roberto DaMatta e publicada em 1982, comumente identificada como marco do período de emergência desses estudos. Em 1994, por sua vez, no *Dossiê Futebol*, publicado pela Revista USP, o primeiro dedicado à modalidade, havia um texto de autoria de Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes (GIGLIO; SPAGGIARI, 2010).

Também em 1994, Maurício Murad criou a disciplina eletiva Sociologia do Futebol, na UERJ, possivelmente a primeira no Brasil dedicada especificamente às reflexões desse esporte sob a perspectiva das Ciências Humanas e Sociais. Endossando a evidência de um interesse de mulheres no tema, ele afirmou: “Na presente data, segundo semestre de 1998, estamos concluindo a nona turma, somando um total de mais de trezentos alunos, em sua maioria mulheres” (MURAD, 1999, p.2).

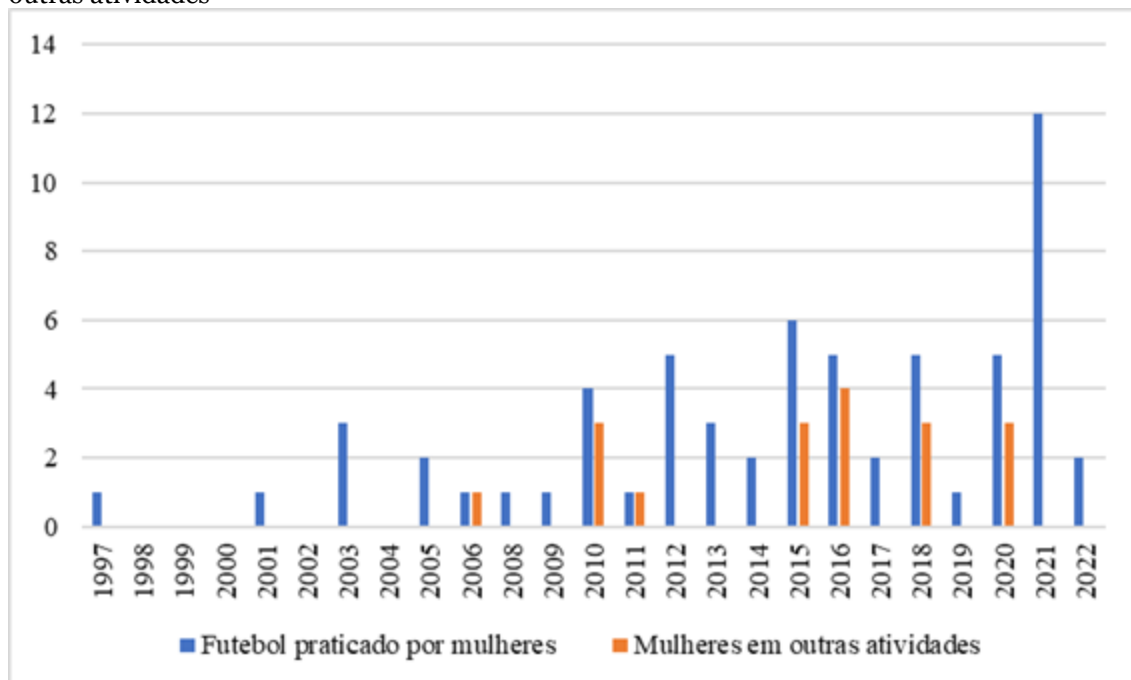
Notamos, assim, que há um amplo e diverso interesse das mulheres pelos estudos do futebol e que, como já afirmamos, a temática de gênero não é a primeira preferência da maioria delas (SILVA; TAVARES; SILVA, 2018; ANJOS; DANTAS, 2016). Por outro lado, em maior diferença que outros temas, é um assunto no qual o número de mulheres pesquisadoras com trabalhos concluídos é maior do que o de homens.

O conteúdo das teses e dissertações publicadas

Em relação ao conteúdo das teses e dissertações, analisamos os títulos, resumos e palavras-chave das produções para separá-las por temas, abordagens e recortes. É notório que a maioria das produções sobre mulheres e futebol encontradas são estudos sobre futebol jogado por mulheres. No total,

encontramos 59 trabalhos que, sob diferentes interesses e focos, abordam esse universo, o que representa mais da metade do total de produções. Há 18 produções que abordam mulheres exercendo outras atividades no universo do futebol, exclusivamente ou em combinação entre elas. Neles, inserem-se trabalhos sobre treinadoras (7), torcedoras (6), gestoras (4), árbitras (2), e operárias (1). Entre os trabalhos sobre torcedoras, há dois trabalhos sobre mulheres em torcidas organizadas. Na temática gestão, encontramos trabalhos sobre gestão de clubes e duas produções que apresentam histórias de vida de duas jogadoras e que também focam em seu período como gestoras. Ainda que numericamente menores, essas pesquisas que focam em outras formas de participação das mulheres que não a de jogadora demonstram o interesse crescente em tais investigações. A fim de ilustrar a distribuição temporal desses trabalhos, a Figura 4 mostra as produções a cada ano divididas entre aquelas voltadas ao futebol praticado por mulheres e aquelas nas quais a análise aborda a participação das mulheres em outras atividades que não a de jogadora.

Figura 4 – Relação entre produções sobre futebol praticado por mulheres e sobre mulheres em outras atividades



Fonte: elaborada pelas autoras.

Nota-se que 17 dos 18 trabalhos foram produzidos a partir de 2010, evidenciando o aumento do interesse nessa discussão em anos recentes.

Dentro da grande temática do futebol praticado por mulheres, encontramos trabalhos tanto sobre jogadoras quanto sobre times formados exclusivamente por mulheres. A seleção brasileira é foco em 6 trabalhos, tanto por meio de histórias de vida de jogadoras atletas da seleção (3), seja na seleção em si (3). Ao retratar a trajetória de jogadoras, os 3 trabalhos retratam também a continuidade de suas carreiras no meio esportivo. 7 produções focam nas principais competições entre seleções da categoria: Copa do Mundo e Jogos Olímpicos.

Encontramos, com uma ocorrência cada, trabalhos sobre a exclusão das mulheres no design de videogames, associativismo esportivo, consumo, inserção e permanência de mulheres de classe socioeconômica elevada no futebol e análise da produção acadêmica sobre futebol de mulheres.

Depois dos trabalhos que têm a discussão de gênero como ponto central (19), as temáticas mais abordadas são as carreiras de jogadoras, bem como a trajetória e memória de jogadoras, árbitras e treinadoras (14), seguidas das análises de materiais produzidos pela mídia esportiva (13).

Nos 13 estudos que abordam o discurso da mídia impressa, televisiva e do webjornalismo sobre futebol feminino, a seleção e as jogadoras as fontes utilizadas foram: o portal Globoesporte.com (4 produções), a Revista Placar (3) e jornais impressos como o Caderno de Esportes da Folha de São Paulo (2), O Globo (1), Jornal dos Sports (1) e Jornal do Brasil (1). O que nos leva a compreender que, em grande parte, esses estudos se centralizam em narrativas produzidas no eixo Rio-São Paulo. No meio online, além do Globoesporte.com, portal mais analisado, apareceram também a produção da ESPN Brasil e do Dibradoras, esse último uma mídia independente produzida por mulheres com foco na cobertura dos esportes praticados por mulheres. Na televisão, encontramos 1 trabalho sobre o discurso da Rede Globo.

Oito produções dedicam-se centralmente à análise de significados, sentidos e representações sociais sobre o futebol praticado por mulheres.

Há sete teses e dissertações sobre mulheres e futebol no contexto escolar. Essas pesquisas têm o foco na pedagogia do esporte ou na educação de forma mais ampla e levam em consideração o olhar ou as representações de meninas e meninos sobre o futebol praticado por mulheres ou a participação de mulheres

no futebol (na prática escolar ou não) e também a perspectiva de professores de educação física sobre o assunto.

Cinco trabalhos tematizam o desenvolvimento institucional, a gestão e/ou a estruturação da categoria esportiva.

Em relação a outros temas que apareceram nos resumos dos trabalhos como temáticas centrais ou importantes, encontramos o lazer, as identidades (principalmente de gênero), a homossexualidade, as relações de trabalho e o bullying.

Em relação aos campos de pesquisa e fontes pesquisadas, notamos que 15 estudos se pretendem de abrangência nacional, incluindo mulheres e/ou documentos produzidos em diversos lugares do Brasil em suas análises. Pesquisas que contemplam fontes nacionais e internacionais são apenas quatro. Ao considerarmos os estados da federação, 12 trabalhos são sobre as mulheres e o futebol em São Paulo, 7 no Rio Grande do Sul, 4 no Paraná, 4 no Rio de Janeiro, 4 em Minas Gerais, 2 na Paraíba, 2 na Bahia, e Ceará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Goiás, Santa Catarina e Sergipe com uma ocorrência cada. Portanto, a Região Sudeste do Brasil é a mais investigada (20), seguida da Região Sul (12), Nordeste (8) e Centro-oeste (1). Até o momento, não encontramos nos recortes desse levantamento teses e dissertações sobre as mulheres e o futebol no Norte do País.

Entre as produções com foco mais local, Porto Alegre (5) é a cidade mais estudada, seguida de Rio de Janeiro (3), Belo Horizonte (3), São Paulo (2) e João Pessoa (2). Em 17 dissertações e teses o trabalho de campo foi desenvolvido em cidades do interior dos estados.

Sobre a geração estudada ou o período em foco nos estudos, um trabalho retrata o período de 1941 a 1983, um retoma os anos 1960, três voltam-se para os anos 1970, sete para os anos 1980, dez para os anos 1990, 22 trabalhos miram para os anos 2000, 45 para os anos 2010 e 20 para os anos 2020, indicando que, embora haja grande número de trabalhos numa perspectiva historiográfica, há mais trabalhos dedicados aos estudos do tempo presente do que focados em compreender o futebol de mulheres em momentos anteriores. Em três produções não foi possível identificar o momento trabalhado, pois os trabalhos nem seus resumos estavam disponíveis ao público.

Considerações finais

Ao realizar um balanço acerca dos estudos sobre futebol na América Latina, Pablo Alabarces (2004) faz algumas ponderações, apresentando elementos que julga importantes serem considerados para a continuidade das pesquisas desse campo. Entre elas, está a percepção de que, “se no caso argentino, o futebol organizava o imaginário masculino, hoje tende a expandir seus universos de representação para incorporar a mulher” (ALABARCES, 2004, p. 169, tradução livre do espanhol). Ao observarmos a produção brasileira sobre mulheres e futebol que expusemos neste texto, percebemos que também no Brasil a afirmação, dita em 2004, era pertinente, e uma maior atenção a elas se fazia cada vez mais urgente.

Porém, quase 20 anos após a fala, notamos o resultado de um crescente interesse de muitas/os pesquisadoras/es de explorar esse universo de representação contemplando as mulheres. Contrapondo os dados que encontramos, baseados em produções até 2022, com aqueles de Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), cujo recorte encerra-se em 2010, verificamos uma série de indícios que apontam para a intensificação do desenvolvimento das produções sobre mulheres e futebol em anos recentes. Elencamos alguns pontos que tiveram notável mudança: 1) houve um aumento do número de produções por ano; 2) não havia autoras/es que tivessem se dedicado ao tema no mestrado e doutorado, enquanto nossa busca encontrou sete; 3) quatro estados haviam produzido teses e dissertações, em oposição aos catorze identificados em nosso levantamento; 4) uma instituição possuía mais de um trabalho, contrapondo-se às quinze que identificamos; 5) um pesquisador havia orientado mais de um trabalho, em oposição aos sete com duas ou mais orientações de nossa pesquisa.

Cabe mencionar, ainda, que temos ciência que para além das pesquisas que resultam em teses e dissertações, há muito a ser explorado em artigos, livros, projetos de extensão e grupos de pesquisa dedicados ao tema, mas o aumento da produção e o aceite de novas/os orientadoras/es à temática já nos indicam que esses estudos estão se tornando cada vez mais reconhecidos como necessários e pertinentes.

Tais mudanças no campo acadêmico de estudos do futebol parecem estar acompanhadas, também, do desenvolvimento do futebol de mulheres como

modalidade, de uma ampliação de sua visibilidade na mídia, assim como das conquistas de mulheres em outros campos de atuação nesse esporte. São sinais disso a manutenção de um Campeonato Brasileiro com duas séries, em 2025 em sua 13ª edição, com uma melhor estruturação dos clubes participantes, a cobertura de jogos da seleção e do Campeonato Brasileiro em canais de televisão, o aumento do número de mulheres na mídia esportiva (tanto na categoria feminina, quanto na masculina), incluindo narradoras, assim como na arbitragem e outros cargos com histórica sub-representação como treinadoras e dirigentes. Citamos, como exemplos, a passagem de Pia Sundhage no cargo de treinadora da seleção nacional (após o pioneirismo de Emily Lima), de Leila Pereira como presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras (também após a experiência de Patrícia Amorim como presidente do Clube de Regatas do Flamengo) e de Aline Pellegrino como coordenadora de competições femininas na CBF. O campo de possibilidades para novos estudos de mulheres e futebol se mostra cada vez mais profícuo.

Referências

- ALABARCES, Pablo. Veinte años de ciencias sociales y deporte en América Latina: un balance, una agenda. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, v. 58, p. 159-179, 2004.
- ANDRES, Suélen de Souza; ANJOS, Luiza Aguiar de. Práticas corporais e esportivas no Fazendo Gênero: primeiros apontamentos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, p.1-11, 2017.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos; DANTAS, Marina de Mattos. Pesquisadoras do futebol: discussões a partir de duas trajetórias. **Esporte e Sociedade**, v. 11, n. 28, p. 1-28, set. 2016.
- BRASIL. **Decreto-lei Nº 3.199**, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>.
- CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira et al. Pesquisas sobre futebol nas ciências humanas e sociais: um mapa a ser analisado. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da (org.). **Futebol**,

linguagem, artes, cultura e lazer 2: produção acadêmica sobre futebol, análises e perspectivas. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

CUNHA, Andressa Caroline Portes da. **Produção de dissertações e teses sobre os “futs” de mulheres no Brasil (2010-2016)**. 235f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos. Futebol e mulheres no Brasil: apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de Teses e Dissertações (1980-2016). In: KESSLER, Claudia Samuel. COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.

FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. **Produção científica sobre futebol:** uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. 281f. Tese (Doutorado em Educação Física). Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, v.13, n.2, p.171-196, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, p. 45-52, jan./jul. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane G. A categoria “gênero” nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e a constituição do Grupo de Trabalho Temático. In: RECCHIA, Simone et al. (org.). **Dilemas e desafios da pós-graduação em educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, p.409-418, 2015.

MURAD, Maurício. Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 207-208, 1999.

SALVINI, Leila; FERREIRA, Ana Letícia Padeski; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-14, out./dez. 2014.

SILVA, Indiamara Bárbara da; TAVARES, Marie Luce; SILVA, Silvio Ricardo da. **Levantamento e análise da produção de teses e dissertações realizadas por mulheres sobre o futebol (1980-2016)**. 2018. 12 p. Artigo/Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, Silvio R. et al. **Levantamento da produção sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional/UFMG, 2009.

SOUZA, Adriano Lopes de. et al. Levantamento e análise do desenvolvimento da produção e do estudo sobre futebol 1980 – 2016. In: COUTO, Ana Cláudia Porfírio et al. (orgs.). **Políticas públicas de esporte e lazer**: Centro MG da Rede CEDES. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **BIB**, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2º sem. 2001.